

Renata Montechiare – Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS, UFRJ.

BRASA 2014 – Brazilian Studies Association. King's College, London, UK.

20 a 23 de agosto de 2014.

Título: Museu de antropologia e memória: uma análise sobre tempo, espaço e identidade.

Resumo:

A partir da pesquisa de campo realizada no Museo Nacional de Antropología de Madrid, este paper pretende apontar perspectivas para uma análise sobre as camadas de memória observadas no museu, através dos objetos que expõe e da forma como o faz. Discutindo os papéis sociais desempenhados por museus desta natureza desde o momento de sua criação em fins do século XIX, o presente estudo apresenta caminhos de exploração etnográfica no *museu de ontem* e no *museu de hoje*, observando como espaço e tempo dentro do museu colaboram para a constituição de identidades do “outro” mas também de si mesmo.

Palavras-chave: museu antropológico; memória; identidade.

Introdução

Na etapa atual do desenvolvimento da pesquisa para o doutorado, tendo já iniciado uma parte da pesquisa de campo que será futuramente retomada, alguns materiais coletados parecem apontar caminhos possíveis para conhecer como operam as categorias identificadas. Uma destas linhas de investigação que se abrem trata das dimensões da memória presentes no Museo Nacional de Antropología de Madrid, a partir da relação entre pessoas, objetos e o museu. Inicialmente, foi através da observação do trabalho de meus colegas do departamento de difusão que surgiram as primeiras perspectivas de pesquisa entorno da visita e do “público” no museu.

Aqui, no entanto, destaco algumas das principais marcações de tempo utilizadas pelos funcionários do museu quando se referem a instituição, ao seu histórico de funcionamento ou quando são evocadas para tomar decisões. O mito de fundação, o que o edifício era, como funcionava, quem o habitava e como se transformou no que é hoje, vem acompanhado da biografia de seu fundador. Neste caso, não se trata conscientemente de trazer sua presença do mundo dos mortos para a vida cotidiana, como muitas vezes acontece em relação às múmias e esqueletos existentes nas salas de exposição e reserva técnica, mas tomar seu momento em vida como um tipo de referência. O que se observa com alguma frequência é a projeção de distintos acontecimentos da trajetória do museu acionados como se pertencessem ao mesmo tempo cronológico, o que aponta para o agrupamento de memórias em etapas.

O trabalho que aqui desenvolvo pretende identificar e registrar algumas destas etapas, que em certas ocasiões referem-se à biografia do fundador, outras às distintas nomeações do museu, à chegada ou saída de determinados objetos ou coleções, etc. Até aqui, são os espaços que trazem consigo as etapas, o tempo e a memória. Descrever as áreas de visitação do Museo Nacional de Antropología de Madrid (MNA) talvez ajude a iluminar como espaço e tempo são apropriados como categorias úteis para ordenar os objetos de modo a criar leituras sobre os diferentes grupos apresentados e representados.

### Espaços internos e externos do museu

Início esta abordagem a partir do que os funcionários do museu tomam como seu mito de origem: o gabinete de curiosidades do Dr. Velasco, em meados do século XIX. Ainda não conhecemos muito sobre este espaço de trabalho e colecionamento do médico craniologista Pedro González Velasco, Dr. Velasco como é popularmente conhecido em Madrid, e lembrado como fundador do MNA. Não sabemos se recebia visitação ou se apenas servia aos interesses de pesquisa de seu colecionador e colegas de profissão. Neste momento da pesquisa, as imagens das partes internas do edifício, que parece ter servido de

residência antes de tornar-se museu, são escassas<sup>1</sup>, mas talvez possam ser encontradas nos arquivos do próprio museu. Há ainda a possibilidade de realizar futuramente uma entrevista com Santiago Gimenez Roldán que em 2012 publicou uma biografia de cerca de 300 páginas sobre Dr. Velasco<sup>2</sup>, reunindo fontes, dados e imagens interessantes sobre o período da constituição do MNA.

Consideramos, portanto, este ambiente do museu em fins do século XIX a partir do que Tony Bennett descreve, como um espaço de circulação restrita, “secreted in the *studiolo* of princes (BENNETT, 1996:58), que se abre à sociedade através do museu. O autor analisará ainda os chamados museus evolucionistas do período, enfatizando o protagonismo britânico na construção do que se tornaria laboratório da própria disciplina, dando inteligibilidade ao passado comprovado através de objetos (Ibidem, 2004).

O MNA se parece aos casos apontados por Bennett. Dr. Velasco foi um médico cirurgião, e no museu é relatado pelos funcionários que sua coleção teve início com alguns crânios que reunia para aulas e pesquisa da Escuela Libre de Medicina e da Sociedad Anatómica que criou. A partir daí outros objetos foram sendo agregados à coleção. Pilar Romero de Tejada, ex-diretora do MNA por cerca de 20 anos relata no livro “Un templo a la ciencia”<sup>3</sup> algumas das peças que passaram a integrar a coleção inicial, ainda durante a vida do Dr. Velasco. Comenta ainda que suas coleções de objetos teriam sido apresentadas externamente ao menos em duas ocasiões, na Exposição Universal de Paris em 1867 e na de Madrid em 1873.

Na seqüência cita brevemente as outras tantas incorporações recebidas ao longo dos quase 140 anos de existência do museu, além de apontar alguns momentos importantes em que objetos e coleções específicas foram destinadas a outros museus da cidade. Num futuro retorno ao campo, talvez seja importante conhecer alguns desses momentos narrados pois parecem coincidir com outras interessantes pistas para o estudo neste *museu de ontem*: cada desagregação de

---

<sup>1</sup> Ver imagem em Anexos.

<sup>2</sup> Roldán, Santiago González. *El Doctor Velasco – leyenda y realidad en el Madrid diecimonónico*. Madrid: Editorial Creación, 2012.

<sup>3</sup> TEJADA, Pilar Romero. *Um templo a la ciência – Historia Del Museo Nacional de Etnología*. Ministério de Cultura – Dirección General de Bellas Artes y Archivos: Madrid, 1992.

coleções aparece nos relatos marcada por transformações na disposição espacial dos objetos em exposição e ainda na modificação do nome do museu - Museo Etnológico; Museo Nacional de Etnología; Museo Nacional de Ciencias Naturales; Museo Nacional de Antropología, Etnografía y Prehistoria; Museo Anatómico; Museo Antropológico; Museo del Pueblo Español; Museo Nacional de Antropología.

Interessante observar que a casa do Dr. Velasco que abrigou ambas as instituições citadas e posteriormente se transformaria no MNA, no momento da fundação deste, encontrava-se cercada de outras instituições médicas constituídas desde muitos séculos antes e conduzidas por ordens religiosas e militares. Ao que tudo indica, a região entre Antón Martín e Atocha<sup>4</sup> reuniu uma sucessão de hospitais desde o século XVI, concentrando grande parte dos médicos e profissionais da área na região: Hospital de San Juan de Dios (1552, fundado por Antón Martín cujo nome posteriormente batizou o bairro), Hospital General (1587), Hospital Monserrat (1658), Colégio de Cirugía de San Carlos (1780), Hospital de los Desamparados del Carmen (1852), além de alguns outros que se fundiram ou funcionaram por apenas alguns anos na região.

Este entorno do museu também pode revelar interessantes perspectivas sobre sua proposição arquitetônica, compondo de forma monumental o desenho urbano que foi ao longo do tempo se transformando em seus arredores. Se hoje o MNA parece integrar um circuito de museus do centro de Madrid<sup>5</sup>, em 1875 parecia estar mais relacionado ao contexto científico dado não apenas pelos diversos hospitais e escolas médicas, como pelo Observatório Astronómico (1870) que está logo ao lado e ainda pode ser visto desde a parte externa do museu, pelo Real Jardín Botánico (1781) e pelo Parque del Retiro (1640).

---

<sup>4</sup> Ver mapa em Anexos.

<sup>5</sup> Estão localizados numa mesma área próximas os seguintes museus e centros culturais: Museo del Prado, Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia, Museo Thyssen-Bornemisza, Centro Cultural Caixa Fórum, Centro Cultural Casa Encendida, La Tabacalera, Cine Doré – Filmoteca Española, Palácio de Cristal, Casa de America, Circulo de Bellas Artes, Museo Nacional de Antropología de Madrid, Museo Arqueológico Nacional, Biblioteca Nacional de España, Fundación Mapfre.

A arquitetura do MNA merece destaque em função de sua fachada eclética, comum em museus do período, com escadas de acesso, colunas gregas e grandes portas madeira. Inspirada na arquitetura e proposta museográfica do British Museum, de 1753 (TEJADA, 1992), contém no portal de entrada a inscrição “nosce te ipsum”, conhece-te a ti mesmo, remetendo aos templos da Antiguidade Clássica. Aqui a pesquisa pode render a partir da análise das várias fotografias da construção do edifício. Apesar das constantes referências que ouvi de meus colegas sobre a casa do Dr. Velasco ter sido reconstruída para abrigar o museu, ainda não parece claro se de fato esta era sua residência antes de 1875 e se assim permaneceu mesmo com a instalação do museu. A coexistência de espaço residencial, expositivo, cirúrgico, anatômico, de encontros e pesquisas apareceu de maneira justaposta, como se tudo tivesse ocorrido junto, no mesmo momento, naquele espaço. Parece haver um imaginário comum sobre o então frutífero ambiente científico e protagonismo político do fundador do museu, mesclando supostos acontecimentos como se pertencessem à mesma unidade temporal e espacial. A memória é então acionada de forma a dar coerência às sobreposições.

Atualmente, o MNA se apresenta como um museu que abriga galerias de exposição de objetos e áreas internas de trabalho, tendo ainda um auditório no subsolo que comporta cerca de 100 assentos. O museu está localizado na esquina entre as ruas Alfonso XII e Paseo de la Infanta Isabel, em frente a estação de trens e metro Atocha. Esta estação conecta Madrid aos bairros e às cidades ao sul do país, tendo sido local das explosões que ocorreram no chamado atentado terrorista 11M, em 11 de março de 2004, que resultou em 18 mortes contabilizadas pela polícia local.

Uma vez dentro do museu, há um pequeno hall que leva à bilheteria à esquerda, às grandes escadas de acesso aos andares à direita, e à efetiva entrada nas galerias à frente<sup>6</sup>. A primeira destas galerias se trata de uma ampla sala de onde se pode conhecer a dinâmica espacial do museu a qual o público tem acesso, ou seja, a forma como estão repartidas suas salas de exposição. Esta

---

<sup>6</sup> Ver planta em Anexos.

enorme sala é mais conhecida como “hall principal” conservando a maior área livre de circulação do museu. Este hall funciona como uma introdução ao MNA, expondo em suas paredes laterais 6 painéis com fotos de pessoas caracterizadas como se fossem representativas das classificações atribuídas pelo museu: “antropología cultural” (duas), África (uma), America (uma), Ásia (uma) e Europa (uma). Destaca-se que esta é a única ocasião em que a Europa integra a composição museográfica.

Conforme se pode observar na imagem anexada, as paredes que abrigam os citados painéis formam um corredor quadrangular ao redor deste hall, sendo este espaço a primeira galeria de objetos apresentada pelo museu ao “público”. Trata-se da coleção das Ilhas Filipinas, chamada apenas “Filipinas” nos materiais de comunicação do museu. Assim como as demais salas do museu que se referem à regiões geográficas específicas, a exposição de Filipinas está classificada em algumas grandes áreas temáticas sob as quais estão ordenados os objetos. Deste modo, a exposição está dividida nas seguintes áreas: “Economía y transportes”, “Viviendas y ajuar doméstico”, “indumentaria y adorno”, “musica y actividades lúdicas” e “creencias”.

Esta exposição traz ainda dois dos objetos mais impressionantes do museu: duas grandes canoas de madeira, suspensas por cabos de aço, e fixadas entre o primeiro e o segundo andar. Há uma pequena placa indicando sua origem e informando ao “público” que estes objetos integram a “coleção original da Exposición de Filipinas de 1887”, ocorrida no Parque del Retiro. Para a ocasião, conta-se, foi construído o Palácio de Cristal e seu lago, que justamente abrigou as tais canoas suspensas do MNA, e que ainda hoje podem ser visitados. Há ainda cerca de outras quatro canoas desta coleção, guardadas na reserva técnica do museu.

Tomando sempre o hall principal como ponto a partir do qual se observa o espaço do museu, se pode perceber à direita a Sala de las Orígenes ou Sala de Antropología Física como é identificada pelos funcionários. Parece ser através desta sala que o MNA é mais conhecido na cidade, pela presença do “esqueleto del gigante”. Agustín Luengo Capilla, 1849-1875 (26 anos), 2,35 m: são estes os

principais dados biográficos deste homem que trabalhava num circo e foi procurado pelo fundador do museu, Dr. Velasco, com a oferta de dinheiro em troca de seu próprio cadáver. Nos relatos sobre o museu conta-se que após a morte de Agustín, Dr. Velasco o cobriu com gesso fazendo o molde de seu corpo que segue em exposição como uma estátua, ao lado do esqueleto. Desta forma, é possível conhecer os traços do rosto e do corpo da ossada que se vê ao lado<sup>7</sup>. É comum a presença de visitantes que chegam ao MNA tendo apenas a informação de que há um “gigante” entre os objetos da coleção e dirigem-se à Sala de las Orígenes para conhecê-lo.

Esta sala abriga ainda o que os funcionários do museu relatam como o início da coleção de seu fundador: uma série de crânios humanos, inclusive alguns deformados e ornamentados com conchas, pedras e outros materiais. O que se conta é que Dr. Velasco era um estudioso da craniologia e reuniu cerca de 300 exemplares para pesquisa junto aos seus colegas da Sociedad Anatómica. Algumas destas peças estão expostas num grande armário de madeira e vidro que exhibe ainda frascos transparentes com partes do corpo humano conservadas, e compõe uma espécie de cenografia da sala, remetendo aos antigos gabinetes de curiosidades.

Interessante que, inicialmente, não pude perceber a pretendida descontinuidade de ordenação desta sala em relação ao restante do museu. Apesar das demais possuírem estantes de vidro e terem suas paredes pintadas de branco, enquanto que a Sala de las Orígenes está pintada de ocre e possui os citados armários de madeira escura, na minha perspectiva aparentava se diferenciar mais pelo conteúdo que apresentava do que pela forma. A partir das primeiras conversas com as pessoas com as quais convivi no museu, comecei a compreender que ali se propunha cenografar o correspondente gabinete de curiosidades do Dr. Velasco. Assim, eram exibidos também algumas estátuas em tamanho natural, inclusive uma da Vênus de Hotentote, máscaras mortuárias, esqueletos de símios e uma múmia.

---

<sup>7</sup> Ver imagem em Anexos.

De volta ao hall principal se vê ao fundo Sala de Religiones Orientales. Estas duas salas estão organizadas de modo muito distinto das demais, pois classificam-se de acordo com critérios pouco priorizados nas salas de Filipinas, África e America. Enquanto a Sala de las Orígenes não nomina os agrupamentos de objetos que expõe, a Sala de Religiones Orientales apresenta um recorte bastante específico, exibindo suntuosas imagens hindus e budistas, além de altares, utensílios, ornamentos e artefatos destas religiões e também islâmicos, que não estão submetidos às classificações comuns nas demais salas.

É curioso que, sutilmente, a museografia adotada pelo MNA propõe uma continuidade entre a exposição de Filipinas e a Sala de Religiones Orientales, identificando as vitrines decoradas nestas salas com a mesma cor (bordô), o que indicaria seu pertencimento a mesma região geográfica, a Ásia. No entanto, a disposição espacial das salas do museu não parece colaborar para este entendimento, sendo tomadas tanto por funcionários quanto por visitantes como coleções distintas que compõem exposições bastante diferentes. Observa-se que na exposição dedicada aos objetos de Filipinas há uma área temática específica denominada “creencias” onde estão postos objetos de cultos regionais, além de diferentes peças que remetem ao catolicismo. Talvez essa segmentação contribua para o reconhecimento destas exposições como distintas, ainda que este não parece ter sido a intenção da última reestruturação museográfica.

Para ascender ao segundo andar era necessário sair do hall principal em direção à porta de entrada do museu, e subir pelas grandes escadas laterais, antes da instalação do elevador panorâmico em 2011. Pelas escadas se chega à entrada da Sala de África onde há painéis de introdução à geografia e história do continente.

Durante a pesquisa de campo estive interessada em observar estes materiais visuais informativos ao “público” pois pareciam indicar o ponto de vista institucional em relação aos objetos que expunha e às “culturas” que apresentava. Com o início da análise do material recolhido, no entanto, outras questões surgiram, priorizando a compreensão do próprio museu como categoria na medida em que parece ser cotidianamente reinventado por aqueles



que falam em seu nome. Ainda que o interesse por esta forma de discurso tenha sido desmembrada em outras percepções, descentralizando a suposta exclusividade de narrativa do “museu”, acredito que valerá o investimento em recolher de maneira atenta estes textos, imagens, dados e mapas para uma possível releitura à luz das demais categorias identificadas.

A Sala de África, assim como a Sala de America localizada no terceiro e último andar, têm formato quadrangular, sendo na verdade um grande corredor e varanda, já que o que seria o centro destas salas é um espaço vazado que permite ver tudo que se passa no hall principal, logo abaixo<sup>8</sup>. Da mesma forma que “Filipinas”, a Sala de Africa classifica seus objetos a partir de algumas temáticas específicas: “indumentaria y adorno”, musica y actividades lúdicas”, “creencias”, “vivienda y ajuar doméstico”. Já a Sala de America, um andar acima, classifica suas peças em “economia y transporte”, vivienda y ajuar domestico”, indumentaria y adorno”, “actividades lúdicas” e “creencias”.

Apesar de parecidas, as classificações não são exatamente as mesmas e nem se apresentam na mesma ordem. Seria preciso uma investigação junto aos conservadores que participaram da nova composição do museu para compreender o que tomaram como referência para esta proposição. Entretanto, parece que a ordem destas grandes temáticas dialoga esteticamente com os objetos que expõe, optando por dar visibilidade a algumas peças como as máscaras do Congo, no caso da África e as plumárias amazônicas, no caso da America.

É curioso trazer uma interpretação estética para definir a disposição das exposições no MNA quando o museu parecia se recusar a adotar esta perspectiva para explicar suas coleções. Em algumas ocasiões pude presenciar observações e críticas de funcionários a outros museus que exibem “objetos etnográficos”, especialmente em relação ao Musée du quai Branly, em Paris. Utilizava-se, então, a estética como um desprestígio do museu e das coleções, em detrimento da qualidade substantiva dos objetos.

---

<sup>8</sup> Ver imagem Sala de África em Anexos.

## Transformações do espaço e transformações da memória

Todas estas salas descritas são freqüentadas cotidianamente por grupos e visitantes individuais. Diante do intenso trabalho que o museu atualmente realiza na recepção de seu “público”, poderia ser interessante investigar em que momentos essa dimensão da visita aberta aos moradores da cidade aparece nos relatos sobre as modificações institucionais e da própria museografia. Esta possibilidade de análise está inspirada no trabalho de Alice Conklin (2013) sobre as transformações do Musée du Trocadero e Musée de l’Homme no que diz respeito à distinção entre público especializado e público leigo, o que gerou uma profunda modificação não apenas nas formas de expor as peças mas também em como os que se relacionavam mais proximamente com a instituição passaram a identificar como sua função na sociedade.

Uma destas transformações significativas na trajetória do MNA diz respeito ao Museo del Pueblo Español, instituição agregada ao MNA em 1993. Há fotografias e descrições sobre a presença de objetos etnográficos de “pueblos” espanhóis em exposição no MNA, ainda que tenha sido mantido o antigo edifício como outra sede da instituição. Aqui cabe uma investigação mais aprofundada em função das divergências que ainda hoje se observam: ao verificar os mapas atuais de Madrid encontramos dois “Museo Nacional de Antropología”, um em Atocha e outro em Moncloa. O primeiro se refere ao que venho estudando, o segundo é o atual Museo del Traje, com seu edifício modernista datado de 1975, que foi construído para abrigar o Museo de Arte Contemporáneo. Ao que tudo indica, o Museo del Pueblo Español sofreu diversas fusões institucionais e compartilhou sua coleção com exposições e museus com temáticas restritas, inclusive com o Museo del Traje. Em 1993, o MNA se chamava Museo Nacional de Etnología e em sua fusão com o Museo del Pueblo Español foi rebatizado como Museo Nacional de Antropología, tendo duas sedes<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Ver CID, Ascensión Barañano. *Poder y silencio de los museos de antropología en España* (2007, Lisboa: Editora 90<sup>o</sup>).

Como citado anteriormente, o MNA passou por distintas denominações ao longo do século XX e cada uma delas parece delimitar compreensões de tempo diferentes. Para além das questões mais pragmáticas a respeito dos meandros institucionais para a gestão dos museus, interessa conhecer essa movimentação justamente para refletir o que se entendia como apropriado ou não de ser exibido sob a denominação de antropologia, etnologia e outras categorias. Um exemplo do que pode surgir desta investigação estaria na concepção de “museu do outro” (ESTOILE, 2006; DUARTE, 1998) que parece estar presente na montagem adotada a partir da renovação museográfica ocorrida entre 2004 e 2007 (justo após a desagregação do Museo del Pueblo Español), e que se mantém até os dias de hoje. Retirando-se o que havia de “espanhol” no espaço expositivo, excluiu-se também todas as referências às populações europeias, ou seja o “nós”, como as coleções da Alemanha, Bulgária e Lapônia (dentre outras), dando lugares específicos às coleções de “America”, “África”, Filipinas”, “Religiones Orientales” e “Antropología Física”. Com isso, parece haver um indicativo de mudança de perspectiva conceitual em relação ao que se entendia que um museu desta natureza deveria proporcionar ao “público”. O “outro” tornou-se o principal interesse do museu.

Entretanto, as transformações experimentadas parecem interligadas ainda às mudanças conceituais propostas pela própria disciplina. Desta forma, parte do trabalho de pesquisa deverá se concentrar na teoria antropológica desde fins do século XIX aos dias de hoje, buscando observar as principais influências na composição, rearranjo e escolhas dos museus de antropologia (GONÇALVES, 2007). É preciso, no entanto, reconhecer os limites desta pesquisa, tendo em vista a amplitude de possibilidades que seguramente trará. Um estudo sobre as influências das principais linhas teóricas internacionais e opções museográficas ao longo de 140 anos demandaria um trabalho minucioso e exclusivo, se tornando inviável para as atuais possibilidades no doutorado. Guardado seu real tamanho, talvez seja rentável detalhar algumas das principais mudanças no museu, assim identificadas pelos seus atuais funcionários, e buscar compreender se e como estão amparadas por linhas conceituais mais amplas.

Este talvez seja um bom caminho para analisar as diferentes camadas de memória presentes no *museu de hoje*. É notável como algumas histórias são repetidas como se marcassem momentos ímpares na construção do museu como ele hoje se apresenta. Este parece ser o caso dos insistentes relatos sobre a vida do Dr. Velasco, de seus objetos, sua família, sua casa e suas ações em prol da ciência na Espanha. A Sala de las Orígenes ou Sala de Antropología Física homenageia seu fundador na medida em que cria um ambiente inteiramente apartado das demais classificações do museu, celebrando seu mito de origem como um emblema. Traz para o presente o suposto ambiente de vanguarda científica, dada pela opção evolucionista da inauguração em 1875, como modo de atual legitimação, frente aos questionamentos recorrentemente sofridos.

Cabe futuramente analisar de modo mais detalhado esta reincidência de referências. Este fato, pois, é comentado nas conversas internas a respeito da história do museu, assim como é comum ler relatos sobre a proposição inovadora de Dr. Velasco, que teria servido como voluntário na Revolución de 1868<sup>10</sup>, num ambiente político conservador e católico, em oposição às novas teorias surgidas a partir de Charles Darwin, E. B. Tylor, L. H. Morgan, entre outros. Nos acervos do MNA se pode verificar documentos, atas e memoriais que recuperam a passagem de importantes cientistas europeus como Paul Broca e Ernst Haeckel (TEJADA, 1992), tanto pela Escuela Libre de Medicina e Sociedad Anatómica quanto pelo próprio museu, através de artigos publicados por suas revistas e anais.

Assim, algumas etapas desta história aparecem mais que outras nos relatos atuais, sendo este da fundação, sem dúvida, uma das mais constantes. Outra delas, mais recente, seria a reordenação museográfica de 2004-2007, que parece ter contado com a efetiva participação de uma parte dos funcionários que ainda segue no MNA, o que abre perspectivas de entrevistas sobre as opções feitas na ocasião.

---

<sup>10</sup> A Revolución de 1868 culminaria no que ficou conhecido como Primera República Española, entre 1873 e 1874.

Durante a pesquisa de campo entre 2010 e 2011 pude observar um tipo de rivalidade em relação as opções museográficas de outra importante instituição de Madrid, o Museo de America. Interessante como os funcionários do MNA pareciam equiparar-se e compararem-se apenas entre os que são por eles reconhecidos como pares. Isso significa que estavam fora de comparação os museu de arte, por exemplo, independente do tamanho ou do prestígio de suas coleções. No MNA, ouvi comparações diretas com o Museo de America em referência à suposta museografia “antiga” apresentada pelo museu. Contudo, não está ainda claro em quais sentidos essa característica é empregada, pois se pensarmos em termos gerais, as opções audiovisuais e cenográficas do referido museu parecem de acordo com o que vinha sendo proposto por outros museus na década de 1990, ocasião da reformulação de sua exposição permanente.

Sobre este museu em particular, há considerações a serem feitas ainda que exclusivamente para serem remetidas aos mecanismos de auto-reconhecimento do próprio MNA. O Museo de America esteve fechado durante quase 15 anos, com proposta de reabertura em 1992, durante as atividades de comemoração dos 500 anos do descobrimento da America<sup>11</sup>. Este foi um período marcante na Espanha, e que gerou intensos debates com a comunidade latino americana<sup>12</sup>. Marisa González relata em diferentes oportunidades as disputas por essa memória ocorridas na ocasião<sup>13</sup>, e as formas como o MA enfrentou e segue justificando suas escolhas museográficas. Um dos momentos mais críticos

---

<sup>11</sup> Neste ano a Espanha abrigou alguns importantes eventos como a Exposición Universal de Sevilla, Madrid como Capital Cultural Européia, V Centenario del Descubrimiento de America, Jogos Olímpicos de Barcelona.

<sup>12</sup> Ver América siglos XVIII-XX : III Simposio sobre el V Centenario del Descubrimiento de América celebrado en el Colegio Mayor Zurbarán, Madrid, 1989-90 / (Redacción de textos Beatriz Comella).-- Madrid : Turner, D.L.1990.-- 162 p. ; 24 cm.

<sup>13</sup> González, M. 2001. *El doble juego de la hispanidad*. Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia; González, M., Bohoslavsky, E.; Di Liscia, M. S. 2010. Entre el desafío y el signo Identidad y diferencia en el Museo de América de Madrid. *Alteridades*, 21 (41), 113-127.; González, M., Monge, F. 2007. El Museo de America, modelo para armar. *Historia y Política*, 18. Disponível em: <http://www.cepc.gob.es/en/publications/journals/electronicjournals?IDR=9&IDN=647&IDA=26846> [Acessado em 15 de julho de 2013].

comentados pela autora se trata da criação da Casa de America (1990), na Plaza de Cibeles (e dentro do circuito de museus do centro de Madrid), dividindo pesquisadores e equipes de trabalho do MA em duas instituições distintas, dada a incompatibilidade de proposições conceituais e posicionamentos políticos para a reabertura do museu.

O Museo Arqueológico de España, em menor proporção, era também tomado como objeto de comparação, talvez por possuir parte da coleção que em algum momento integrou o acervo do MNA e do Museo del Pueblo Español, e também porque, no momento de minha pesquisa de campo, estava justamente passando por sua reforma museográfica. Ouvi questionamentos relacionados mais à dinâmica burocrática da instituição (quem assumiria quais cargos, quanto de recursos estavam sendo empregados, quanto tempo durariam as obras) do que em relação às concepções da montagem dos objetos para exposição.

#### Camadas de memórias

Neste percurso, os espaços internos e externos do museu assim como sua transformação parecem indicar marcações de tempo, relacionando a ocasião de mudança física e conceitual da instituição, com um determinado período ou etapa. Conforme sugerido anteriormente, essas distintas formas de classificação de objetos, organização interna das salas – museografia, variadas denominações, fusões, mitos, biografias e trajetórias podem ser lidas como memórias sobrepostas em camadas, sendo recuperadas juntas ou não para dar sentido às escolhas e ações do presente.

Camadas de memória, no entanto, podem ser lidas não apenas através do museu e seu percurso ao longo do tempo. Os objetos expostos trazem consigo outras variadas dimensões de tempo perceptíveis mesmo numa rápida observação nas galerias. No MNA, há peças que têm datas indicadas nas etiquetas das vitrines, e que, se supõe, tenham sido coletadas na ocasião descrita. Algumas delas trazem apenas indicações gerais, como “início do século XX”, outras apontam a década aproximada. Não há, por exemplo, um padrão de identificação temporal compartilhado entre todos os objetos expostos. Tendo acesso aos

catálogos internos se observa a quantidade de lacunas de informações a respeito da procedência das peças que compõem as coleções, e mesmo de coleções inteiras doadas ao museu ao longo do tempo.

Se aparentemente não se conhecem datas e informações sobre expedições e outros tipos de viagem que levaram aqueles objetos até o museu, muito menos se sabe sobre a data da confecção de cada peça. Esta informação é, no entanto, priorizada nos objetos chamados “arqueológicos”, nos quais a datação mais precisa é considerada um dos dados mais relevantes sobre as peças. Apesar de haver informações cronológicas sem muita precisão, ao ler as etiquetas o visitante identifica que a maior parte dos objetos expostos hoje no MNA foram coletados no final do século XIX e princípio do século XX, com poucas exceções. Talvez contribua para a reflexão sobre o tempo e as camadas de memória, investigar as categorias utilizadas pelos que se relacionam com o museu, funcionários e visitantes prioritariamente, na explicação sobre os objetos e as coleções. Isso porque nas visitas oferecidas, aparentemente os objetos são apresentados dentro de contextos brevemente descritos no presente, ou seja, objetos sem datações estritas mas que estão apresentados como originais de um tempo distante algumas décadas, funcionam como exemplares de uma vida atual.

Ao mesmo tempo, a Sala de America, por exemplo, torna-se um bom indicativo para o museu na defesa contra possíveis movimentos de requisição de objetos originários de grupos colonizados pela Espanha, no momento de sua coleta. Indicando o século XX nas etiquetas das peças, de certa forma, o museu se isenta de responsabilidades quanto à expropriação ilegítima, uma vez que as regiões já eram independentes e, portanto, responsáveis pela gestão de seus patrimônios<sup>14</sup>.

Nesta pesquisa, não se tem interesse em buscar veracidade de informações descritas nas etiquetas, originalidade de peças ou quaisquer outras implicações mais diretas relativas às datas de incorporação de objetos às coleções do MNA. Interessa saber, no entanto, como estas e outras variáveis são

---

<sup>14</sup> Há um projeto de repatriação de objetos conduzido por um grupo colombiano frente ao Museo de America, que afirma ter documento de doação da coleção ao governo espanhol. Ver <http://www.tesoro.quimbaya.com/>, visitado em 24 de julho de 2013.

acionadas para “explicar o museu”, compreender seu papel social e atender suas preocupações. A aparente ambigüidade nas apropriações sobre o tempo, construindo abstrações que ora funcionam no passado ora no presente, importam não no que diz respeito diretamente às repatriações de patrimônios, inclusive porque não tive oportunidade de observar qualquer movimento neste sentido por parte do MNA ou de outro grupo, durante meu período em campo. São, portanto, mais relevantes no que tange à produção de um imaginário sobre o “outro” que se apresenta.

Toda esta intenção de aprofundar os modos como o tempo é compreendido pelas pessoas que circulam pelo MNA se dá porque, assim como o espaço, ele parece despertar memórias, e também esquecimentos. Se apontamos as memórias *ditas* através dos relatos, narrativas e mitos presentes no dia a dia do museu, os *não ditos* são também importantes e talvez o principal deles passe justamente pelo período colonial.

Aqui abre-se um novo caminho de pesquisa dentro do museu. A colonização parece mobilizar memórias profundas que precisam ser alocadas dentro do espaço expositivo para guardar um tamanho proporcional ao que se quer lembrar, pois este parece ser o tempo que se esquece coletivamente. No entanto, como é relembrado por alguns, especialmente visitantes, o museu se encarrega de definir seu lugar, ainda que este seja discreto, pequeno e apaziguado. No caso da Sala de America, é através de uma pintura do século XVII<sup>15</sup> que retrata um casal de espanhol e mexicana com sua filha, que a colonização da Espanha no México é relembrada através de características de intercambio cultural. Assim, são enfatizados os aspectos considerados positivos do contato entre ambos os continentes. Nas visitas oferecidas às crianças, este quadro serve como meio de explicação de conceitos como miscigenação, destacando especificamente as supostas vantagens dos filhos de europeus e colonizados nascidos na America, como o duplo idioma e a ampliação de hábitos culturais, além de destacar animais, vegetais e produtos conhecidos por ambos os povos apenas após o contato proporcionado pelo “descobrimento”.

---

<sup>15</sup> Ver imagem em Anexos.



Seria necessário explorar atentamente esta perspectiva e talvez o meio inicial de acesso seja através dos objetos expostos e dos materiais de comunicação oferecidos pelo museu ao “público”. Ainda que silenciado, este fantasma insistentemente ressurgue.

O que ao final surpreende, e traz ainda outra abordagem interessante para a pesquisa, é que o museu parece ser tratado como uma pessoa. Assim como descrito por Marcel Mauss, o museu assume uma *posição relativa* (MAUSS, 2003:373), em que narra-se a vida anterior ao seu nascimento, o momento de sua concepção, seu pai, seus parentes e afins, os desafios do seu desenvolvimento, seus méritos conquistados, seus equívocos e desvios de percurso. Talvez seja ainda cedo para apontar sua morte, embora este seja um medo evidente dos funcionários diante da crise que o país atravessa. Esse ponto merece uma futura análise mais aprofundada.

## Bibliografia

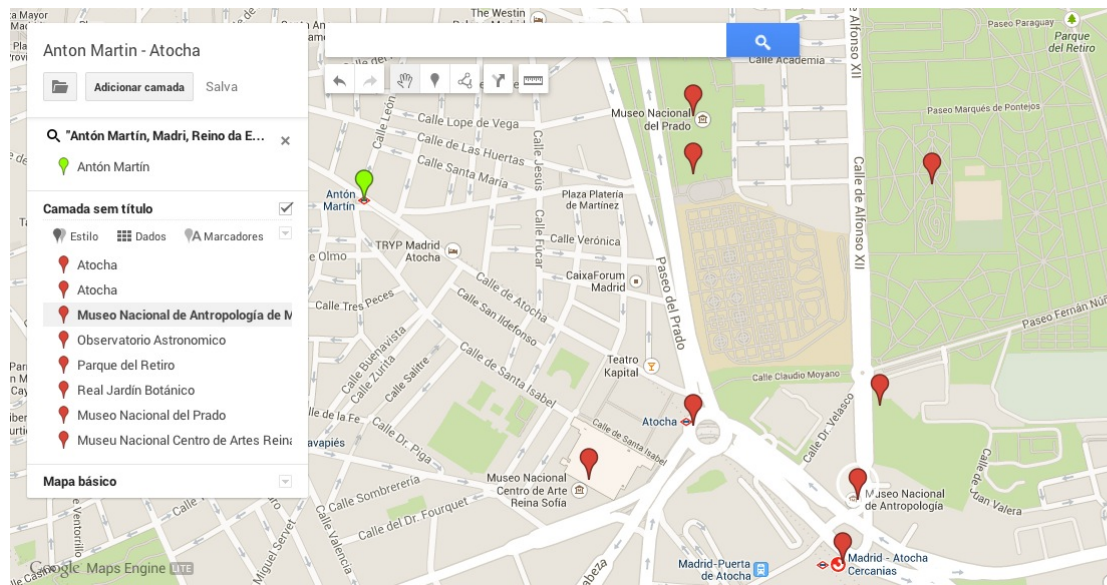
- BENNETT, Tony. *The exhibitionary complex*. In: Greenberg, Reesa et al. “Thinking about exhibitions”. London and New York: Routledge, 1996.
- \_\_\_\_\_ *Past beyond memory – evolution, museum, colonisation*. London and New York: Routledge, 2004.
- CID, Ascensión Barañano. *Poder y silencio de los museos de antropología en España*. In: Rodrigues, Irene; Cunha, Manuela; Cunha, Luís. (orgs.), “Intersecções Ibéricas: Margens, Passagens e Fronteiras », *Etnográfica*, vol. 14 (1) | 2010 Lisboa: Editora 90º, 2007.
- CLIFFORD, James. *Itinerários Transculturales*. Gedisa Editora: Barcelona, 1999.
- CONKLIN, Alice. *In the museum of mam: race, anthropology and empire in France, 1850-1950*. New York: Cornell University Press, 2013.
- DUARTE, Alice. *O museu como lugar de representação do outro*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, *Antropológicas* n. 2, 1998.
- ESTOILE, Benoit. *Du Musée de l'Homme au quai Branly : les transformations des musées des Autres en France*. In: “France and its Others: New

- Museums, New Identities/ La France et ses Autres: Nouveaux Musées”, Nouvelles Identités, Paris : France (2006).
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Teorias antropológicas e objetos materiais*. In: “Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios”. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
  - GONZÁLEZ, M. 2001. *El doble juego de la hispanidad*. Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia.
  - \_\_\_\_\_, Bohoslavsky, E.; Di Liscia, M. S. 2010. Entre el desafío y el signo Identidad y diferencia en el Museo de América de Madrid. *Alteridades*, 21 (41), 113-127.
  - \_\_\_\_\_, Monge, F. 2007. El Museo de America, modelo para armar. *Historia y Política*, 18. Disponível em: <http://www.cepc.gob.es/en/publications/journals/electronicjournals?IDR=9&IDN=647&IDA=26846> [Acessado em 15 de julho de 2013].
  - MAUSS, Marcel. *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”*. In: “Sociologia e Antropologia”. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
  - MNA. *Dossier Voluntários Culturales 2010/2011*. Museo Nacional de Antropología – Departamento de Difusión: Madrid, 2010.
  - RODRIGO DEL BLANCO, Javier. *América – Museo Nacional de Antropología*. Ministério de Cultura – Secretaría Técnica General: Madrid, 2006.
  - TEJADA, Pilar Romero. *Um templo a la ciência – Historia Del Museo Nacional de Etnología*. Ministério de Cultura – Dirección General de Bellas Artes y Archivos: Madrid, 1992.

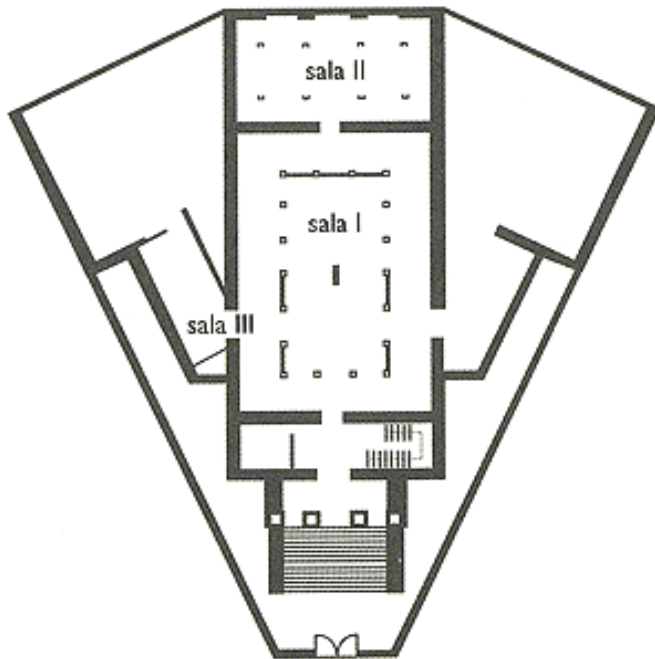
## Anexos



Imagem do gabinete de curiosidades do Dr. Velasco:  
<http://gabinetedcuriosidades.blogspot.com.br/2009/05/la-leyenda-del-doctor-velasco.html>  
Acessado em 21 de junho de 2014.



Mapa Anton Martín – Atocha



Planta do andar térreo do Museo Nacional de Antropología de Madrid.  
<http://mnantropologia.mcu.es/recorrido.html>. Acessado em 20 de junho de 2014.



Vista do hall principal do Museo Nacional de Antropología de Madrid, canoas e exposição de "Filipinas" no corredor do andar térreo  
[http://www.españacultura.es/es/museos/madrid/museo\\_nacional\\_de\\_antropologia.html](http://www.españacultura.es/es/museos/madrid/museo_nacional_de_antropologia.html).  
Acessado em 20 de junho de 2014.



Sala de las Orígenes (Antropología Física) no MNA:  
[http://www.google.com.br/search?q=Sala+de+africa+museo+nacional+de+antropologia+de+madrid&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=GqCIU97EF4mtsATwoIGgBQ&ved=0CAgQ\\_AUoAQ&biw=1230&bih=633#facrc=&imgdii=&imgrc=bXSS385PwDXxMM%253A%3B%252Fwww.canal-madrid.com%252Fguia\\_de\\_museos%252Fimages%252Fmuseo\\_nacional\\_de\\_antropologia\\_02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.canal-madrid.com%252Fguia\\_de\\_museos%252Fmuseo\\_nacional\\_de\\_antropologia\\_01.htm%3B500%3B333](http://www.google.com.br/search?q=Sala+de+africa+museo+nacional+de+antropologia+de+madrid&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=GqCIU97EF4mtsATwoIGgBQ&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1230&bih=633#facrc=&imgdii=&imgrc=bXSS385PwDXxMM%253A%3B%252Fwww.canal-madrid.com%252Fguia_de_museos%252Fimages%252Fmuseo_nacional_de_antropologia_02.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.canal-madrid.com%252Fguia_de_museos%252Fmuseo_nacional_de_antropologia_01.htm%3B500%3B333) Acessado em 21 de junho de 2014.



Fotografia a partir da entrada na Sala de África, segundo andar do museu. <http://www.unaventanadesdemadrid.com/museo-nacional-antropologia.html>. Acessado em 20 de junho de 2014.



José Joaquín Magón. Pintura a óleo em madeira, de 1751. Título: “De Español, e Yndia, nasce Mestiza”. Inventário CE5226. <http://ceres.mcu.es/pages/Main> , acessado em 19 de junho de 2014.